

A FORMAÇÃO INICIAL DAS PROFESSORAS E PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL E ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: OS DESAFIOS DO ENSINO NOTURNO

Maria José Barbosa¹
Ana Cláudia Lima de Assis²

A formação inicial dos professores, dentro do cenário complexo de condições e necessidades que o sistema escolar apresenta, merece um olhar especial, uma vez que repercute de maneira significativa na construção da profissionalidade docente. A formação inicial é a porta de entrada para a profissionalização da carreira docente em suas diversas etapas e modalidade. O art. 3º da Resolução 002/2015 do Conselho Nacional de Educação afirma ainda que vai “oportunizar ao licenciando a vivência da práxis educacional, das várias situações que envolvem o ensino e a aprendizagem na escola, ainda durante o processo formativo”. O parágrafo 3º do mesmo artigo, atenta para a dinamicidade e complexidade desta formação, e estes aspectos nos cursos de Pedagogia são ampliados dada a característica multidisciplinar deste profissional, que de modo polivalente, atua nas primeiras experiências escolares.

Este trabalho configura-se como um relato de experiência. Descrevendo e analisando as vivências de uma doutoranda do Programa de Pós-Graduação e Gestão Educacional da Universidade Estadual do Ceará, no Estágio de Docência, ocorrido em 2022, na disciplina: Letramento e Alfabetização, curso de Pedagogia/Faculdade de Educação/UFC, turno noite. Estes elementos suscitaram questões presentes neste relato: a disciplina Letramento e Alfabetização, *locus* de acesso ao estudo da apropriação da linguagem escrita; e os discentes do turno da noite, que são em maior número no curso. Emergem daí questões que direcionaram nosso estudo: Como ocorre a conciliação dos horários do estudante trabalhador e as exigências de estudo do curso? Os estudos realizados de forma superficial e reduzido propiciam saberes que subsidiam a compreensão necessária do futuro alfabetizador sobre a apropriação da leitura e da escrita? Como o professor formador pode contribuir para que haja um bom aproveitamento no componente curricular?

São recursos de análise: o programa, textos disponibilizados para leituras, comportamentos dos discentes diante das atividades propostas, suas leituras e produções escritas e orais. Além de trazer as considerações da estagiária a respeito da influência que esta experiência

¹ Doutora em Educação. Universidade Federal do Ceará . mazedbarbosa@ufc.br

² Mestre em Avaliação de Políticas Públicas. PPGE – UECE. claudiassis2003@yahoo.com.br

teve em sua formação. Como resultado, esperamos instigar o olhar para a formação inicial do pedagogo, as necessidades advindas do contexto dos mesmos, e algumas sugestões para superação das dificuldades identificadas, e a importância da vivência no estágio para a formação da doutoranda.

A participação se inicia com o acesso ao programa, cronograma, plano de atividades e textos. As adequações foram tomadas em parceria entre a professora regente, a estagiária e 2 bolsistas, a partir das reflexões sobre o andamento das aulas, o programa e o desempenho dos discentes.

A atuação da estagiária ocorreu no apoio aos seminários, entrevistas com professoras do ciclo de alfabetização, divulgação de pesquisa e outras atividades que tiveram como objetivo promover acréscimos aos conhecimentos trabalhados em aula; na confecção e apresentação de material didático e pesquisa de bibliografia; no atendimento aos educandos quanto à orientação de trabalhos nas atividades de grupo; nas sugestões sobre uso de metodologias; elaboração de material pedagógico, e posteriormente, na exposição e discussão de alguns conteúdos.

A metodologia adotada propunha estudo antecipado de textos numa ação de aula invertida. Na sala eram propostas reflexões a partir de situações do cotidiano da sala de aula de alfabetização/textos estudados. Em geral, nem todos os alunos tinham tempo de ler o texto, mas participavam das discussões, se engajavam nas atividades propostas. Porém, a falta da leitura dificultava a compreensão conceitual do assunto estudado, o que era demonstrado nas falas, que em geral, eram apoiadas nas experiências pessoais.

A falta de tempo para realizar as leituras interfere na participação fundamentada dos discentes, além de forjar um saber sem aprofundamento, superficial que não lhes permite compreender as motivações para as escolhas de conteúdo e de metodologias. O engajamento com as leituras eram centrados nos textos que demandavam trabalhos para notas. Os escritos denunciavam os conhecimentos superficiais de alguns.

Outro entrave diz respeito aos horários das aulas. O início era previsto para 18 h, mas poucos estudantes estavam presentes devido ao horário de trabalho. O final da aula às 22 horas, também era antecipado, pois muitos moravam nas periferias ou região metropolitana, e as questões de violência os faziam sair mais cedo. Estas ausências dificultavam o engajamento nas discussões que sempre eram concluídas por um grupo menor que permanecia até o final. Aumentava o esforço

da professora regente em estimular, viabilizar processos metodológicos envolventes, no sentido de garantir o estudo, aprofundamento e reflexões necessários para o processo formativo. Ao final da aula, provocava reflexões sobre a metodologia utilizada, as abordagens e envolvimento dos estudantes, no sentido de buscar alternativas metodológicas que pudessem favorecer a participação no processo de aprendizagem, com reflexões sobre o fazer pedagógico, principalmente, em uma disciplina basilar como Letramento e alfabetização.

Sobre Alfabetização foram dadas ênfase as reflexões de Soares (2020) quanto à necessidade da escola aproximar a aprendizagem da leitura e da escrita dos seus usos sociais, onde, as práticas alfabetizadoras escolares devem se articular com os diversos usos da leitura e da produção oral e escrita de textos na sociedade. As discussões sobre a intencionalidade e ação docente, tratando da importância do planejamento reflexivo no sentido de promover uma prática pedagógica consistente e consciente, foi um dos temas discutidos, cujas reflexões alertavam os futuros educadores para a importância do planejamento, evitando o exercício de uma prática repetitiva ou vazia, chamando atenção para a intencionalidade do ato de ensinar numa sociedade letrada. Nesse contexto, trazemos as reflexões de Freire (2000), em seu livro *Pedagogia da Indignação*, quando nos diz:

Se, na verdade, não estou no mundo para simplesmente a ele me adaptar, mas para transformá-lo; se não é possível mudá-lo sem um certo sonho ou projeto de mundo, devo usar toda possibilidade que tenho para não apenas falar de minha utopia, mas participar de práticas com ela coerentes.

Compreendemos então que para fazer frente a este desafio é necessária à defesa intransigente de uma formação ampla, calcada em fundamentos teóricos e metodológicos que favoreçam a leitura crítica e a problematização da realidade, como condições necessárias à composição de perspectivas formativas que oportunizam a apropriação dos conhecimentos construídos historicamente pela humanidade, e permitam a construção de novos conhecimentos sobre os desafios presentes nos processos de ensinar e aprender.

Como reflexão sobre essa atividade de estágio, registramos a satisfação da estagiária em ter realizado no curso de pedagogia, pelo fato de ter convivido com a prática pedagógica junto a estudantes que se preparam para assumir a docência, e de modo particular, ter se deparado com as dificuldades impostas pelo contexto social dos cursistas – na sua maioria, estudantes trabalhadores, com tempo limitado para aprofundamento nos conteúdos, teorias e reflexões, aspectos tão necessárias a formação inicial. Percebemos nesse contexto as dificuldades impostas para desenvolver uma formação reflexiva, pautada num diálogo mais profundo sobre a construção do

conhecimento e o fortalecimento de uma escola reflexiva. As inúmeras demandas em que estes estudantes estão submetidas pelo cotidiano da vida em sociedade e pelos espaços profissionais que estão inseridos, os envolvem em uma dinâmica de pouco aprofundamento teórico e reflexivo sobre a ação docente e a repercussão na formação de sujeitos autônomos e conscientes.

Cabe considerar que a formação inicial no curso de Pedagogia não pode dar conta de todos os desafios que os futuros pedagogos irão encontrar nas escolas, mas é uma visão panorâmica e fundamentadora da existência dos mesmos, e como afirma Imbernón (2016, p. 37) “Os componentes da profissão docente foram sempre os mesmos (escola, crianças, cadernos, tarefas, aulas, lousa etc)”, mas, alerta o teórico que as épocas estão sempre variando, e com elas os costumes, as políticas, as tecnologias e a forma de ver a educação e o magistério. Sendo, portanto, grande a responsabilidade dos formadores e dos formandos, para dar cabo à formação do egresso que se encontra no perfil do Projeto Pedagógico do Curso. Formar este profissional requer da instituição formadora variedade no currículo e cuidado constante com as alterações que ocorrem na sociedade, a fim de manter o curso antenado com as necessidades que emergem nas novas funções as quais o ensino terá que se ajustar.

A experiência de docência no curso de pedagogia contribuiu de forma significativa para a formação da estagiária, tanto como docente, como pesquisadora. O contato com os educandos de graduação, os diálogos com a professora regente, os planejamentos, as intervenções durante as discussões em sala de aula, os aportes teóricos metodológicos vivenciados durante as aulas, fizeram com que adquirisse uma postura mais madura, reflexiva e propositiva como professora. Sobremaneira, o estágio de docência possibilita aos alunos de pós-graduação uma experiência didática junto aos cursos de graduação.

Segundo Tardif, (2002), os saberes do profissional docente que servem de base para o ensino provêm de diferentes fontes, tais como: a formação inicial e continuada de professores, do currículo e do espaço do conhecimento das disciplinas a serem ensinadas, da experiência na profissão, da cultura pessoal profissional, da aprendizagem com os pares, dentre outras. No processo de ensinar e de aprender, cabe ao professor o papel central, visto que mobiliza e produz saberes durante o exercício de sua profissão. Para isso, deve ter a capacidade de saber adequar-se metodologicamente, vendo o ensino como um conhecimento em processo de construção.

Neste processo de produção do conhecimento todas as experiências vivenciadas pelos estudantes junto de seus pares, com seus alunos, na vida em sociedade dentre outras, se tornam

significativas no seu percurso formativo, eles se tornam sujeitos do conhecimento e produtores de saberes. Para Tardif (2002), a formação inicial visa *habitu*ar os alunos, futuros professores, à prática profissional dos professores de profissão e fazer deles *práticos reflexivos*.

Ao final do estágio percebemos as fragilidades advindas do ensino noturno, como a dificuldade do estudante trabalhador em conciliar os horários da disciplina, o que pode ser refletido no Projeto Pedagógico do Curso. Sugerimos que o curso organize carga horária diária menor, em maior número de dias. O que pode elastecer o tempo do curso, o que ajudaria na aproveitamento, mas talvez não pareça agradável ao cursista, porém, garantiria melhor qualidade dos aprendizados.

Outro aspecto seria trazer relatos de alfabetizadores sobre suas práticas, as quais seriam refletidas pelos estudantes a partir das teorias estudadas. Como forma de contextualizar a realidade para aqueles que não estão em espaços escolares e facilitar a apropriação de conceitos que muitas vezes não são absorvidos. Seria a aproximação da escola e seu cotidiano da formação, pois muitas vezes este desconhecimento produz o alheamento aos temas estudados no curso. Ainda como contribuição, vale incentivar o intercâmbio da pós-graduação com a graduação como forma de incentivar o interesse pela pesquisa, despertar para o reconhecimento da importância da fundamentação teórica.

Palavras-chave: Ensino; Formação inicial; Estágio docência.

Referências

- BRASIL. Resolução CNE/CP nº 02, de 1º de Julho de 2015. Ministério da Educação/Conselho Nacional de Educação/Conselho Pleno. Brasília, 2015. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/escola-de-gestores-da-educacao-basica/323-secretarias-112877938/orgaos-vinculados-82187207/21028-resolucoes-do-conselho-pleno-2015#:~:text=Resolu%C3%A7%C3%A3o%20CNE%2FCP%20n%C2%BA%202,e%20para%20a%20forma%C3%A7%C3%A3o%20continuada>. Acesso em: 02/03/2023
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da Indignação: Cartas Pedagógicas e Outros Escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- IMBERNÓN, Fco. Qualidade do Ensino e Formação do Professorado: uma mudança necessária. São Paulo: Cortez, 2016.
- SOARES, Magda. Alfalettrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever. São Paulo: Contexto, 2020. 352 p
- TARDIF, M. Saberes docentes e formação profissional. Petrópolis: Vozes, 2002.